

Portuguese A: literature – Higher level – Paper 1
Portugais A : littérature – Niveau supérieur – Épreuve 1
Portugués A: literatura – Nivel superior – Prueba 1

Wednesday 4 May 2016 (afternoon)

Mercredi 4 mai 2016 (après-midi)

Miércoles 4 de mayo de 2016 (tarde)

2 hours / 2 heures / 2 horas

Instructions to candidates

- Do not open this examination paper until instructed to do so.
- Write a literary commentary on one passage only.
- The maximum mark for this examination paper is **[20 marks]**.

Instructions destinées aux candidats

- N'ouvrez pas cette épreuve avant d'y être autorisé(e).
- Rédigez un commentaire littéraire sur un seul des passages.
- Le nombre maximum de points pour cette épreuve d'examen est de **[20 points]**.

Instrucciones para los alumnos

- No abra esta prueba hasta que se lo autoricen.
- Escriba un comentario literario sobre un solo pasaje.
- La puntuación máxima para esta prueba de examen es **[20 puntos]**.

Faça a análise literária de **um** dos seguintes textos:

1.

Quando eu morrer, não digas a ninguém que foi por ti.
Cobre o meu corpo frio com um desses lençóis
que alagámos de beijos quando eram outras horas
nos relógios do mundo e não havia ainda quem soubesse
5 de nós; e leva-o depois para junto do mar, onde possa
ser apenas mais um poema – como esses que eu escrevia
assim que a madrugada se encostava aos vidros e eu
tinha medo de me deitar só com a tua sombra. Deixa
10 que nos meus braços pousem então as aves (que, como eu,
trazem entre as penas a saudade de um verão carregado
de paixões). E planta à minha volta uma fiada de rosas
brancas que chamem pelas abelhas, e um cordão de árvores
que perfurem a noite – porque a morte deve ser clara
15 me assustou (e eu já ceguei de amor, mas não contes
a ninguém que foi por ti). Quando eu morrer, deixa-me
a ver o mar do alto de um rochedo e não chores, nem
toques com os teus lábios na minha boca fria. E promete-me
que rasgas os meus versos em pedaços tão pequenos
20 como pequenos foram sempre os meus ódios; e que depois
os lanças na solidão de um arquipélago e partes sem olhar
para trás nenhuma vez: se alguém os vir de longe brilhando
na poeira, cuidará que são flores que o vento despiu, estrelas
que se escaparam das trevas, pingos de luz, lágrimas de sol,
25 ou penas de um anjo que perdeu as asas por amor.

Maria do Rosário Pedreira, *O Canto do Vento nos Ciprestes* (2001)

2.

No alto do cabeço havia uma cruz. Era baixa e quase não se via. O meu pai trepava por ali acima e, mesmo velho, chegava aos pés da cruz socorrendo-se de um bordão. Com o seu exagero de sempre, julgava que subira ao calvário. Na verdade, a cruz era pequena de mais para encabeçar o calvário. Pedras que o povo lá ergueu para sentir uma presença a zelar.

5 Deste lado vejo o cabeço, que fica perto da nossa casa, mas não vejo a cruz. Desapareceu. E agora, se quisesse imitar o meu pai e subir àquele calvário, já não podia, porque deixou de existir uma cruz no topo do monte.

10 Continuando: no fundo, é um olhar de inveja. Como sei por experiência os danos que a inveja pode causar, afasto-me ainda mais da janela, que é agora um quadrado ao longe, montes em volta, céu, espaço, e no centro de tudo uma cara que ainda me tenta observar enquanto estica a pele da testa e veste a camisola. Uma cara que é um ponto ao longe.

15 De cima do monte, o Tojal tem o tamanho de uma mão. É um daqueles lugares que Portugal deixou morrer, mas agora, com o descalabro – e de certa forma foi para nos afastarmos dele que fugimos durante uns dias –, talvez as pessoas voltem à toca para lamber as feridas. O descontentamento sobe pelas paredes, rebenta com o betão, mas não sai do sítio. Implodimos mais do que explodimos e tudo fica na mesma, a não ser, claro, as nossas circunferências, que estão desfeitas. Vivemos como sacos de carne podre, muito bem fechados e contidos mas a morrer por dentro. As manifestações não são mais do que uma ruptura nessa morte, como os afogados que ainda tentam respirar antes de a água os engolir.

20 As nuvens já taparam o sol e faz-se noite. A igreja, a única pedra branca do Tojal, escureceu e quase desaparece de vista. Começo a descer.

25 Quando isto acabar, quando a crise tiver outro nome, sobreviveremos cada um para o seu canto, cada um mais estropiado do que o outro. Depois, aos poucos, voltará tudo ao normal e certo dia, um belo dia em Lisboa, daqueles que Lisboa tem, como já ninguém se lembra do descalabro e até está uma brisa agradável, alguém arranjará como nos lixar outra vez.

30 Mas, enfim, que sei eu? Não passam de considerações à vista de uma aldeia abandonada. Tanto me faz o destino destas casas, esta não é a minha toca, quando viemos para cá não regressámos à terra. Conquistámo-la, quisemos um local de férias para nos afastarmos do mundo. E depois tanto me faz o destino de Portugal. Sou daquelas pessoas que se preocupam pouco com a casa onde vivem.

35 No entanto, agora penso que fugir do mundo foi um erro, porque nos colocámos no centro dele. Por exemplo, o meu irmão e eu. Não tenho outro remédio senão olhar para ele, habitar com ele num espaço confinado onde não nos podemos distrair. Isto obriga-me a pensar no que ele representa para mim

Entre outras coisas, a ausência dos meus pais.

40 e no que eu represento para ele. Sim, moramos juntos no Porto, e aí também sou obrigado a confrontar-me com ele, mas à mínima contrariedade posso sair, ir ao cinema, à biblioteca, à faculdade, a uma exposição. Sítios que ele não entenderia. Aqui, não. Para me entreter, só uma ideia: sou guarda do meu irmão e pergunto-me se estarei a fazer um bom trabalho.

Aqueles que vão a retiros não o fazem para se afastarem do mundo, mas para entrarem nele mais completamente. É isso.

Afonso Reis Cabral, *O meu irmão* (2014)